



Diadorim e o peso do corpo ou o amor entre dois iguais em *Grande Sertão: veredas*

Diadorim and the weight of the body or the love between two equals in Grande Sertão: veredas

Dossiê

Christini Roman de Lima*

ORCID: 0000-0001-6181-193X

E-mail: christiniroman@gmail.com

Recebido: 23/09/21

Aprovado: 08/12/21

Resumo

O presente artigo analisa a questão da performance de gênero a partir da personagem Diadorim, de *Grande Sertão: veredas*, tendo como perspectiva o amor homoerótico entre ele o protagonista, Riobaldo. O romance, ao ter em pauta a questão de gênero envolvendo uma das personagens centrais da trama, assim como a questão da homoafetividade (que é um dos pontos de convergência do enredo – o amor entre dois homens), problematiza transversalmente questões envolvendo os direitos universais como a dignidade, a liberdade e a igualdade, assim como o direito à autonomia em relação à identidade e às escolhas sexuais.

Palavras-Chave

Diadorim. Gênero. Homoafetividade.

Abstract

This article analyzes the issue of gender performance based on the character Diadorim, from *Grande Sertão: veredas*, with the perspective of homoerotic love between him and the protagonist, Riobaldo. The novel, when dealing with the issue of gender involving one of the central characters of the plot, as well as the issue of homoaffection (which is one of the points of convergence of the plot – the love between two men), cross-issues matters involving universal rights such as dignity, freedom, and equality, as well as the right to autonomy in relation to sexual identity and choice.

Keywords

Diadorim. Gender. Homoaffectivity.

* Doutora em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutorado na área de Letras em andamento, Universidade Mackenzie.

“Por que nossos corpos deveriam terminar na pele? Ou por que, além dos seres humanos, deveríamos considerar também como corpos, quando muito, apenas outros seres também encapsulados pela pele?”

Donna Haraway

“O amor é que é essencial.

O sexo é só um acidente.

Pode ser igual

Ou diferente.”

Fernando Pessoa

Grande Sertão: veredas foi publicado em 1957. O romance de João Guimarães Rosa é narrado em primeira pessoa por um senhor proprietário de terras. Ele se passa no sertão de Minas Gerais, por volta de 1917 (SCHWARZ, 1981, p. 43), e o enredo retrata as memórias de Riobaldo, do sertão e de um tempo de violência e guerras. Riobaldo, o protagonista-narrador, trata da história de sua formação, formação essa que segue a trajetória do filho bastardo de Selorico Mendes que se converte em professor de Zé Bebelo, depois em jagunço ponderado; em exímio atirador, o Riobaldo Tatarana; em chefe do bando, o Urutu Branco; aportando, ao final, no latifundiário estabelecido que revive sua travessia no intuito de reencontrar o grande amor, Diadorim: “o *Reinaldo* — que era Diadorim: sabendo deste, o senhor sabe minha vida;” (ROSA, 2019, p. 259-260).

O narrador, no presente do relato, recria oralmente suas andanças e odisséias e, concomitantemente, confessa suas culpas a um ouvinte culto que exerce dupla função: de ouvinte da confissão em que o ex-jagunço expia suas contrições, assim como de agente imortalizador do relato por meio da escrita – que se atualizará a cada leitura, como a matéria vertente de que é composta. Mas é Diadorim quem Riobaldo busca em sua reminiscência. Diadorim é a vertigem, a paixão que conduziu esse homem desde a travessia entre os rios de Janeiro e São Francisco, transpondo as veredas do árido sertão entre violência e cumplicidade, amor e repulsão, prazer e desassossego.

Diadorim, descrito pelo narrador como sua neblina, é cercado – ao longo da trama – por essa aura de impenetrabilidade. Ele, tal qual o narrador, passa por desvelamentos que tomam o contorno do seu nome ou da forma como é designado: Menino, Reinaldo, Diadorim, Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins. O percurso que leva, paulatinamente, ao desvendamento das camadas que recobrem a personagem – simbolizadas em cada designação –, condizem, ao final da intriga, com o desnudamento do corpo, corpo esse que, despido das vestes de jagunço, dá a ver Maria Deodorina.

A busca por reencontrar a mulher em Diadorim consiste ainda na ânsia por purgar-se pelo desejo em relação ao amigo, um desejo homoerótico. Segundo Walnice Matos Vilalva (2008), Riobaldo apresenta sua relação com Diadorim optando por identificá-lo como jagunço, mesmo sabendo-o nascido mulher: “Esse jogo discursivo entre não ser, sendo o tempo todo, é a afirmação conclusiva de Riobaldo sobre a neblina que foi seu amigo Reinaldo – Diadorim” (VILALVA, 2008, p. 233).

O corpo de Diadorim é um corpo que performa como homem, apesar da genitália que carrega sob as vestes sertanejas. Segundo Judith Butler (2019), os gêneros são instituídos pela representação simbólica do corpo e, desse modo, necessitam ser entendidos através dos gestos corporais, dos movimentos e das ações de diferentes tipos que formariam uma ilusão de um Eu outorgado de “gênero imemorial”:

Se os gêneros são instituídos por atos descontínuos, essa *ilusão de essência* não é nada mais além de uma ilusão, uma identidade construída, uma performance em que as pessoas comuns, incluindo os próprios atores sociais que as executam, passam a acreditar e performar um modelo de crenças. (BUTLER, 2019, p. 214, grifo do autor).

Reinaldo é o jagunço destemido, Diadorim é o companheiro sensível e atencioso de Riobaldo e Maria Deodorina é apenas o registro de um nome de batismo; já a identidade da personagem compõe-se desse amalgama que indistingue seu gênero e reveste de névoa o olhar retrospectivo que quer amenizar o encanto pelo outro igual a si. Ao refazer seu percurso, o narrador-protagonista apresenta Diadorim, desde menino, como uma confluência de encanto (pela beleza, pelos olhos inebriantes e pela deferência em relação à natureza) e de destemor (ao arremeter contra o desconhecido que se insinua para com os dois garotos). Reinaldo, já adulto, investe-se da *hybris* guerreira, mas demonstra delicadeza nos gestos e nos cuidados para com o amigo, como ao lavar suas roupas: “Diadorim — dirá o senhor: então, eu não notei viciice no modo dele me falar, me olhar, me querer-bem? [...] Era que ele gostava de mim com a alma; me entende? O Reinaldo. Diadorim, digo. Eh, ele sabia ser homem terrível. Suspa!” (ROSA, 2019, p. 133).

De acordo com Simone de Beauvoir (2009) – tendo por base a perspectiva hegeliana – ser é “ter-se tornado, ter sido feito tal qual se manifesta” (BEAUVOIR, 2009, p. 25). Beauvoir (2009) argumenta que as diferenciações são construídas socialmente e o que torna a mulher (a fêmea) uma mulher não é o seu gênero, e sim o fato de estar situada em uma cultura que a insere no campo da feminilidade. Nesse sentido, ela destaca que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009, p. 14).

Judith Butler (2003), por seu turno, enfatiza que as categorias identitárias são normativas, porque previamente definidas; e os sujeitos que não se enquadram nas definições normativas do gênero não podem ser representados por uma identidade definida. Além disso, gêneros são considerados pela filósofa norte-americana (2019) como atos, uma vez que as ações sociais requerem uma “performance repetitiva” de significados já estabelecidos socialmente:

A realidade dos gêneros é performática, o que significa dizer que ela só é real enquanto estiver sendo performada. Parece justo afirmar que certos tipos de atos são usualmente interpretados como expressão de uma identidade de gênero, e que esses atos ou estão de acordo com uma identidade esperada ou contestam essa expectativa de algum jeito. (BUTLER, 2019, p. 224).

A autora pontua que, ao performar de maneira errada, o gênero implicaria uma série de punições diretas e indiretas. Diadorim (Maria Deodorina) performa seu gênero (seu sexo nato, pautado pela genitália feminina) de modo “errado” e, como consequência, o amor que sente pelo companheiro – um amor homossexual, uma vez que Diadorim se identifica como homem – configurava-se como um tabu do qual ele não conseguiu se desvencilhar no mundo em que atuava, o mundo patriarcal dos jagunços. Riobaldo, ao pensar sobre esse desejo compartilhado pelos dois, exterioriza o aspecto interdito dos seus sentimentos:

[...] o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de *não ser possível dele gostar como queria*, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre. (ROSA, 2019, p. 38, grifos nossos).

De outro lado encontra-se outra personagem, Otacília, que corresponde à norma; em outras palavras, ela “performa bem” seu “lugar social” e, por isso, assumirá o espaço estabelecido para a mulher: o casamento e a concepção dos filhos vindos desse contrato. Diadorim entende que a vida em comum com Riobaldo não ultrapassaria a convivência mais próxima para além do bando e que as pretensões desse, de uma fuga da “jagunçagem”, não significavam uma vida em comum. Em certo momento da trama, o narrador relembra a expressão do amigo ao falar que Riobaldo se casaria com Otacília e, pela expressão e pelo tom de voz, parece-lhe que Diadorim coloca-se no lugar da noiva, imaginando – talvez – a vida que poderia ter tido como Maria Deodorina, mas que não pertenceria jamais a Reinaldo ou mesmo a Diadorim:

— ...Você se casa, Riobaldo, com a moça da Santa Catarina. Vocês vão casar, sei de mim, se sei; ela é bonita, reconheço, gentil moça paçã, peço a Deus que ela te tenha sempre muito amor... Estou vendo vocês dois juntos, tão juntos, prendido nos cabelos dela um botão de bogari. Ah, o que as mulheres tanto se vestem: camisa de cassa branca, com muitas rendas... A noiva, com o alvo véu de flô...

Diadorim mesmo repassava carinho naquela fala. Melar mel de flôr. [...] Agora falava devagarinho, se sonsom, feito se imaginasse sempre, a si mesmo uma estória recontasse. Altas borboletas num desvoejar. Como se eu nem estivesse ali ao pé. Ele falava de Otacília. [...] Ao tanto, deusdamente ele discorresse. De meu juízo eu perdi o que tinha sido o começo da nossa discussão, agora só ficava ouvinte, descambava numa sonhice. (ROSA, 2019, p. 307-308).

Nessa lógica, o padrão de normalidade – expresso e problematizado em *Grande Sertão: veredas* – será a perfeita confluência entre sexo, gênero e desejo: “um indivíduo designado como um homem ao nascer cresce de modo a ser identificado por si mesmo e pelos outros como um homem masculino e seu desejo é orientado a uma mulher que também incorpore essa sequência lógica” (BROSIN; TOKASKI, 2017, p. 106).

Para mais, o universo sertanejo visto na obra é ditado pela selvageria e situa-se em vazios legais em que a lei é exercida pelas armas. O mundo do sertão não abre espaço para mulheres, crianças ou idosos – com raras exceções –, quanto mais ao amor entre iguais. Na obra, são quase inexistentes as referências sobre mulheres (para além daquelas que compõem o quadro de prostituição, elemento fundamental à performática viril em que os agentes desse mundo atuam). Se Maria Deodorina performa seu sexo de modo errado, Reinaldo/Diadorim, no contexto sertanejo, somente pode fazer parte do bando de jagunços porque identificado como homem e sua atuação é condizente com a expectativa em torno dele.

Os sujeitos desse mundo de violência e desmazelo são, portanto, masculinos: os proprietários e coronéis, e os jagunços. Os sertanejos, e sobretudo as mulheres, são submetidos aos desmandos, à opressão, ao abandono e ao abuso impetrado pelos protagonistas dessa trama:

Eu era igual aqueles homens? Era. Com não terem mulher nenhuma lá, eles sacolejavam bestialidades. — “Saíndo por aí”, — dizia um — “qualquer uma que seja não me escape!” (...) — “Mulher é gente tão infeliz...” — me disse Diadorim, uma vez, depois que tinha ouvido as estórias. Aquelles homens, quando estavam precisando, eles tinham aca, almiscravam. Achavam, manejavam. Deus me livrou de endurecer nesses costumes perpétuos. A primeira, que foi, (...). Tanto gritava, que xingava, tanto me mordida, e as unhas tinha. Ao cabo, que pude, a moça — fechados os olhos — não bulia; não fosse o coração dela rebentar no meu peito, eu entrevia medo. (...) Mas, depois (...) foi uma outra (...) essa se sujeitou fria estendida, para mim ficou de pedras e terra. Ah, era que nem eu nos medonhos sonhos fosse — e, o senhor crê? — a mocinha me aguentava era num rezar, tempos além. (...) Contanto que nunca mais abusei de mulher. (ROSA, 2019, p. 148-149).

A performance masculina se impõe por meio da violência e pela dominação, subvertendo o direito da dignidade humana. Consequentemente, em *Grande Sertão: veredas* a autoridade é exercida através da violência e o que resta para além disso é o desamparo e a negação dos direitos fundamentais. Lynn Hunt (2009, p. 27) destaca que, desde a declaração francesa de 1789, os direitos permanecem sujeitos a contradições, uma vez que a percepção de quem tem e de quais são esses direitos muda reiteradamente. A autonomia e a empatia, por exemplo, dependem, de um lado, de uma percepção em relação ao caráter inviolável (“sagrado”) dos corpos – “seu corpo é seu, e o meu corpo é meu, e devemos ambos respeitar as fronteiras entre os corpos um do outro”; de outro, a empatia depende do reconhecimento em torno do outro, de que seus sentimentos e pensamentos são semelhantes em relação aos diferentes indivíduos.

No mundo essencialmente masculino, viril, e brutal de *Grande Sertão*, se as mulheres já estão sujeitas a toda e qualquer violação, a diferença sexual não figura como aspecto a ser considerado com respeito. O desejo entre dois homens é rebaixado e a simples suspeita, ou melhor, a possibilidade de se levantar tal suspeita era uma ofensa passível de morte:

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros — porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo — podia morrer. Se acostumavam de ver a gente permanente. Que nem mais maldavam. (ROSA, 2019, p. 30).

Segundo Jaime Ginzburg (1992), o sentimento de Riobaldo por Diadorim subvertia a lei segundo a qual os jagunços não se envolviam entre si, e sim com mulheres: a “homossexualidade é considerada, pela voz de Riobaldo, ‘vício desconstruído’. É possível dizer que, para ele, as diferenças entre o masculino e o feminino, e o amor e a amizade, são problematizadas” (GINZBURG, 1992, p. 96). Se no contexto social urbano, amparado por leis e normas, aqueles que não “performam bem” seus papéis já se situam à margem, no sertão sem leis, a homoafetividade compreenderia uma transgressão inaceitável – assim como a identidade sexual não normativa: “Ainda temos dificuldades para reconhecer e entender algumas performances que contrariam o modelo hegemônico, embaralhando os códigos e discursos produzidos nas zonas de reconhecimento das identidades construídas a partir de gênero” (SMITH; SANTOS, 2017, p. 1095).

As diferenças sexuais, ancoradas na sexualidade e na repressão dos corpos, foram e continuam sendo pautadas pela moralidade e por normas de condutas, sendo que a sexualidade, segundo Elaine Bortolanza (2014), sofreu “há mais de dois séculos, das formas mais diversas, obscuras e complexas, a produção de técnicas de controle e ‘captura do corpo’ reduzindo-o à ‘condição de pura vida biológica’” (BORTOLANZA, 2014, p. 268). Questionar os lugares estanques da sociedade, incluindo a sexualidade, é um dos papéis articuladores da literatura, não apenas retratando questões, como – e por isso – as problematizando. A literatura pode, a partir disso, produzir um alargamento sobre as discussões, os reconhecimentos e a concessão de direitos, como o de livre uso da sexualidade e da identidade sexual.

Segundo Lynn Hunt (2009), o romance teve papel fundamental sobre a empatia e a autonomia dos indivíduos:

O cientista político Benedict Anderson argumenta que os jornais e os romances criaram a “comunidade imaginada” que o nacionalismo requer para florescer. O que poderia ser denominado “empatia imaginada” antes serve como fundamento dos direitos humanos que do nacionalismo. É imaginada não no sentido de inventada, mas no sentido de que a empatia requer um salto de fé, de imaginar que alguma outra pessoa é como você. Os relatos de tortura produziam essa empatia imaginada por meio de novas visões da dor. Os romances a geravam induzindo novas sensações a respeito do eu interior. Cada um à sua maneira reforçava a noção de uma comunidade baseada em indivíduos autônomos e empáticos, que podiam se relacionar, para além de suas famílias imediatas, associações religiosas ou até nações, com valores universais maiores. (HUNT, 2009, p. 18).

Grande Sertão: veredas, nesse sentido, problematiza a tensão em torno da relação de gênero, ao apresentar Diadorim como um homem que nasceu em um corpo de mulher, mas também ao alçar o envolvimento entre os amigos e companheiros de cangaço ao patamar de destaque, envolvimento esse circunscrito pelo desejo amoroso e sexual reprimido. O romance, assim, ao excluir parcialmente as figuras femininas do relato (abarcando apenas aquelas que compunham o aspecto de virilidade desse mundo pautado pelo masculino) e dar ênfase ao relacionamento de Diadorim e Riobaldo, apresenta para o debate um assunto tabu nas letras brasileiras do período em que a obra foi publicada.

Gustavo de Castro e Leandro Bessa (2020) destacam, utilizando-se da crítica de Peter Sloterdijk, que *Grande sertão: veredas* se inscreve em uma “empíria negra”, que corresponderia a um campo de “saberes polêmicos”, abjetos. A empíria negra se estabeleceria por meio do pensamento conservador e pela recusa em tratar temas controversos e relegados à marginalidade (CASTRO; BESSA, 2020, p. 112). Julia Kristeva (2021) destaca, por sua vez, que o abjeto é o não-objeto e está ligado à perversão, ancorado no superego: o “abjeto é perverso porque não abandona nem assume um interdito, uma regra, uma lei; mas distorce-os, extravia-os, corrompe-os; serve-se deles, usa-os, para melhor negá-los” (KRISTEVA, 2021, p. 14).

Silviano Santiago (2018) enfatiza que, no romance de Guimarães Rosa, o amor homossexual, antes de ser “um problema de *gender*”, se define e “se representa como ‘as ações que são quase iguais’”: “não há por que carregar de significado negativo o comportamento sexual dito alternativo, que vem sempre manchado pelos cem tons da aversão e da inclemência” (SANTIAGO, 2018, p. 64). Assim, tanto o transgênero – que pode ser pensado em relação a Diadorim –, quanto a relação homoafetiva são aspectos (dentre outros) que, ainda que presentes, foram considerados temas abjetos ou, no mínimo, marginais na literatura nacional.

Na literatura brasileira, a homossexualidade, por exemplo, já figura desde 1866, vista na peça *A separação de dois esposos*, de José Joaquim de Campos Leão, o Qorpo-Santo. Além dela, a temática aparece nas obras de Ferreira Leal, *Um homem gasto*, de 1885; de Raul Pompeia, *O Ateneu*, de 1888; de Aluísio Azevedo, *O cortiço*, de 1890; de Adolfo Caminha, *O Bom-Crioulo*, de 1895; de Machado de Assis, no conto “Pílades e Orestes”, publicado, em 1906, em *Relíquias da Casa Velha*; de João do Rio, “História de gente alegre”, publicado na coletânea *Dentro da noite*, de 1910; de um autor desconhecido que escreveu o conto “O Menino do Gouveia”, em 1914, sob o pseudônimo de Capadócio Maluco;¹ de Mario de Andrade, com o conto “Frederico Paciência”, publicado em *Contos novos*, de 1947; de Aníbal Machado, “O iniciado do vento”, publicado em *Histórias reunidas*, em 1957; de Dinah da Silveira Queiroz, “A moralista”, de 1957, presente na

1. Conto publicado no suplemento da folha *O Rio Nu*, jornal com teor “adulto” que circulou no Rio de Janeiro, entre os anos de 1898 até 1916.

coletânea *As noites do morro do encanto*; de Lúcio Cardoso, *Crônica da casa assassinada*, de 1959; de parte da obra de Samuel Rawet, como, por exemplo, o conto “Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror”, pertencente à coletânea *Que os mortos enterrem os seus mortos*, de 1981; assim como também de parte da obra de Caio Fernando Abreu, como no conto “Aqueles dois”, publicado em *Morangos mofados*, de 1982, e de Silviano Santiago, *Stella Manhattan*, de 1985.

Ao final do século XX, o número de obras com temática homoafetiva cresceu exponencialmente, configurando uma literatura particular. Mario César Lugarinho (2008, p. 18) destaca que a literatura homossexual passa a abranger nesse período não apenas uma temática, mas uma forma de conceber o mundo, pautada pelas demandas do grupo que busca representar. Antonio de Pádua Dias da Silva (2014), por sua vez, argumenta que a focalização do assunto representa uma necessidade de se voltar a atenção, por meio de personagens e narradores ficcionais, para “conceitos e posições como alteridade, tolerância, aceitação, respeito ao ser humano por uma das formas material-discursivas que tem um caráter humanizador do sujeito” (SILVA, 2014, p. 64).

Todavia, no contexto dos anos de 1950 e 1960 – *Grande Sertão: veredas* foi publicado em 1956 – e após a ditadura de Getúlio Vargas, a homossexualidade ainda era condenada, vista como pecado, doença ou perversão. Consequentemente, o fato de abordar tanto a questão do gênero em Diadorim, quanto a da homoafetividade abre espaço para a ampliação de um debate quase nulo (ou sem grandes projeções) até então. Ao tematizar o assunto (tendo como panorama o patriarcado em sua potência máxima, visto nos recônditos sertanejos onde a atuação do Estado estava ausente), Guimarães Rosa coloca em pauta o que Samuel Rawet tratará mais tarde em “Homossexualismo: sexualidade e valor”, publicado em 1970, em que o autor declara que o homem deve ser considerado a partir de sua “estrutura aberta, sem começo nem fim” (RAWET, 2008, p. 28):

Certamente, seria justo dizer que o discurso emergente sobre a defesa da homossexualidade – a defesa de sua existência, a defesa da dignidade daqueles a quem é atribuída, a defesa da legitimidade para agir sobre o desejo homossexual – não é amparado pelo amplo direito dos indivíduos de obedecerem às suas pulsões sexuais. Na época em que Rawet escreveu o seu ensaio – lembre-se de que foi publicado como um panfleto em 1970 –, a homossexualidade ainda era uma espécie de amor que não ousava mencionar o seu nome (isto é, não podia falar por si em seu próprio direito), sendo, então, um não amor declarado, que o Estado continuava a patologizar e a criminalizar, juntamente com vários outros projetos que levavam à sua erradicação. (FOSTER, 2016, p. 202).

Grande Sertão: veredas, por sua vez, debate e complexifica a lógica binária, dando peso ao corpo de Diadorim (corpo esse que incide em uma configuração nebulosa, porém fascinante). O romance, além disso, também discute o papel da representação (a qual compreende não só um universo que se atualiza a cada leitura, dando a ver a violência de uma sociedade árida que não abre brechas para a mulher, para o amor – e que não se restringe ao sertão) e expõe a violência em relação a uma gama de indivíduos que estão no avesso da norma. Nesse sentido, o leitor, ao final da primeira jornada, é convidado a voltar novamente o olhar para Diadorim e para a relação entre ele e Riobaldo, voltar o olhar para esses sujeitos individualizados, percorrendo-os como um rio caudaloso e sem forma definida, percorrer não no sentido de classificá-los ou inseri-los em um quadro fechado, mas na busca por desvendamento e compreensão de suas singularidades. A travessia do protagonista, assim, não se fecha nela mesma, mas irrompe e se abre em profundas e profundas possibilidades – (∞).

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTOLANZA, Elaine. Zonas de promiscuidade: trottoir do desejo sexual. In: SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R. S.; MORAES, Aparecida Fonseca (org.). *Prostituição e outras formas de amor*. Niterói: UFF, 2014. p. 265-286.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. Atos performativo e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 222-240.
- BROSIN, Danuska; TOKARSKI, Maine Laís. Do gênero à norma: contribuições de Judith Butler para a filosofia política feminista. *Revista Gênero*, Niterói, v. 18, n. 1, p. 98-118, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31278>. Acesso em: 22 abr. 2021.
- CASTRO, Gustavo de; BESSA, Leandro. Crítica do silêncio temático em Grande sertão: veredas – uma leitura de Diadorim. *Revista Mídia e Cotidiano*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 109-128, maio/ago. de 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/41441/24182>. Acesso em: 28 maio 2021.
- FOSTER, David William. “Homossexualismo: sexualidade e valor”, de Samuel Rawet: um texto fundador da teoria queer brasileira. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, São Paulo, n. 14, p. 199-208, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.cllh.2016.125040>. Acesso em: 21 maio 2021.
- GINZBURG, Jaime. A Violência em Grande Sertão: veredas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 34, p. 87-99, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70511>. Acesso em: 29 maio 2021.
- HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (E-book).
- KRISTEVA, Julia. Poderes do Horror: ensaio sobre a abjeção – capítulo 1. Tradução de Allan Davy Santos Sena. *Academia.edu*, São Paulo, 2021. Título original: “Approche de l’abjection” [*Pouvoirs de l’horreur: essai sur l’abjection* (1980)]. Disponível em: https://www.academia.edu/18298036/Poderes_do_Horror_de_Julia_Kristeva_Cap%C3%ADtulo_1. Acesso em: 26 maio 2021.
- LUGARINHO, Mário César. Nasce a literatura gay no Brasil: reflexões para Luís Capucho. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008. p. 9-24. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mario-Lugarinho/publication/311545242_NASCE_A_LITERATURA_GAY_NO_BRASIL_Reflexoes_para_Luis_Capucho/links/584bd45e08aeb989251f1f64/NASCE-A-LITERATURA-GAY-NO-BRASIL-Reflexoes-para-Luis-Capucho.pdf. Acesso em: 26 maio 2021.
- PESSOA, Fernando. O amor é que é essencial. In: PESSOA, Fernando. *Poesias inéditas (1930-1935)*. Lisboa: Ática, 1990. p. 192. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/361>. Acesso em: 27 jul. 2021).
- RAWET, Samuel. Homossexualismo: sexualidade e valor. In: BINES, Rosana Kohl; TÔNUS, José Leonardo (org.). *Ensaio reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 23-49.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da ferocidade: ensaio*. Recife: Cepe, 2018.

SCHWARZ, Roberto. Grande-Sertão e Dr. Faustus. In: SCHWARZ, Roberto. *A sereia e o descon-fiado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 43-51.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si. *Literatura homoerótica e escritas de si. Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 36, n. 1, p. 61-71, jan./mar. 2014. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/20568/pdf_10. Acesso em: 26 maio 2021.

SMITH, Andreza do Socorro Pantoja de Oliveira; SANTOS, Jorge Luiz Oliveira dos. Corpos, identidades e violência: o gênero e os direitos humanos. *Revista Direito e Praxis*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1083-1112, jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/dep.2017.21477>. Acesso em: 28 maio 2021.

VILALVA, Walnice Matos. Riobaldo/Diadorim e o tema da homossexualidade. *Revista Cerrados*, Montes Claros, v. 17, n. 25, p. 233-243, 2008.